

E' PRECISO ENDURECER,
SEM PERDER A TERNURA, JAMAIS.

Que importa onde a morte nos irá surpreender! Que ela seja bem vinda, desde que nosso grito de guerra seja ouvido, que uma outra mão se estenda para empunhar nossas armas e que outros homens se levantem para entoar cantos fúnebres em meio ao crepitar das metralhadoras e novos gritos de guerra e de vitória!

Che Guevara



UNI-VOS www.uni-vos.com

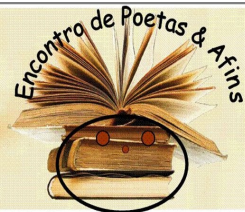
"Aos que morreram não dedico nenhum minuto de silêncio, e sim, toda uma vida de luta."
(Hebe Bonafini)

Ano: 13 / Edição: 11 / Novembro-2012 à Fevereiro-2013

A nova edição da Gambiarra Profana. Tem sua capa assinada pela Silvana Elizabeth Dos Santos (Sil). Marca a presença de diversos poetas como Inon Ramos (Inon), Moduan Matus, Jorge Medeiros, Vinícius Siqueira, Arnoldo Pimentel, entre outros.

www.gambiarraprofana.blogspot.com.br

Para entrar em contato:
gambiarraprofana@yahoo.com.br.



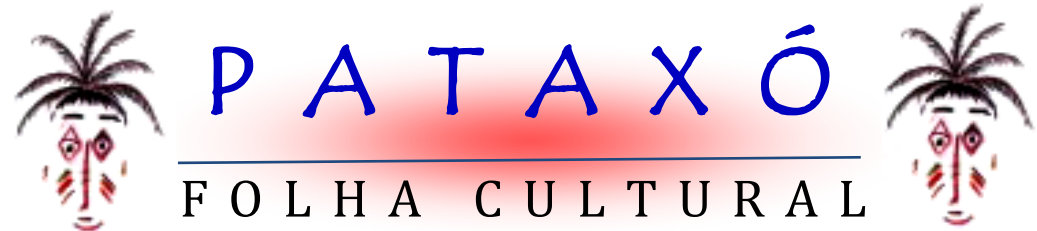
Toda última quinta do mês na varanda da Biblioteca da Casa de Cultura de Nova Iguaçu, Rua Getúlio Vargas, nº 51, centro-Nova Iguaçu



Escrevam, postem, critiquem, expressem, desenhem, rabisquem, incomodem-se, provoquem, gritem, contribuam, participem...

Por e-mail: fcpataxo@bol.com.br
pelo nosso blog: fcpataxo.blogspot.com.br;

“Poesia cadela dialética, Palavra que fala silêncio Fala que cala cética etc” Souzalopes



PATAXÓ

FOLHA CULTURAL

ANO DE 2012 — NÚMERO 24

TATU-BALA E O SHOW DAS REMOÇÕES



Foto Oficial

O Brasil é um dos países economicamente mais desiguais do mundo, com 10% da sua população ganhando 50% da renda nacional e com cerca de 8,5% da população vivendo abaixo da linha da pobreza, segundo dados do próprio governo. Desde o final do século 20, o governo brasileiro tem feito várias tentativas para esconder o problema da pobreza urbana. Uma das maneiras encontradas foi a erradicação das favelas e desalojamento de seus moradores. E agora tem uma grande desculpa para remoção de milhares de famílias que hoje tem um teto para dormir e uma chance de lutar por seus direitos: A “Copa do mundo de futebol” e as “Olimpíadas do mundo”.

As favelas no Rio de Janeiro tiveram origem em meados do século 19. A decadência da produção cafeeira no Vale do Paraíba, a abolição da escravidão e o início do processo de industrialização no país trouxeram muitos ex-escravos e europeus, especialmente portugueses, para a então capital do Brasil.

O crescimento demográfico da cidade inchou sua área central, que tradicionalmente concentrava vários cortiços. Tal fato começou a incomodar a elite da época. Fazendo com que o prefeito da cidade, Cândido Barata Ribeiro, iniciasse a perseguição a esse tipo de moradia, o que culminou, em 1893, na demolição de cortiços que popularmente eram conhecidos como



"Cabeça de Porco". Todo o processo de despejo desalojou cerca de 2 mil pessoas e grupos de ex-moradores do cortiço conseguiram permissão para construir suas casas no Morro da Providência. Grupo de soldados que lutaram contra a Revolta da Armada recebeu permissão para construir moradias sobre o Morro de Santo Antônio.

Em 1897, prisioneiros e cerca de 20 mil soldados que haviam retornado ao Rio de Janeiro após a Guerra de Canudos, na província oriental da Bahia, começaram a morar no já habitado Morro da Providência. Durante o conflito, a tropa governista havia se alojado na região próxima a um morro chamado "Favela", nome de uma planta que causava irritação quando entrava em contato com a pele humana e que era comum na região. O nome tornou-se popular e, a partir da década de 1920, os morros cobertos por barracos e casebres passaram a ser chamados de favelas.

Na primeira década do século 20, o prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Francisco Pereira Passos sob administração do presidente do Brasil Rodrigues Alves desalojou milhares de moradores e comerciantes para realizar reformas urbanísticas no centro da cidade. A construção da Avenida Central (atual Avenida Rio Branco), do Cais do Porto e da Cinelândia referência da cultura carioca, e o alargamento das ruas.

Até o final dos anos 50 as favelas eram vistas pela burguesia como "depósitos" de problemas formados por trabalhadores pobres, revoltados, criminosos, etc. O crescimento da população favelada e a ocupação de grande parte da área urbana por favelas tornou-as um problema particular, social e urbanístico. Começaram, então, a apare-

cer as propostas de "acabar" ou "remover" as favelas.

O representante clássico dessa visão exterminadora foi Carlos Lacerda, que conduziu as grandes batalhas de remoção (nas quais as armas às vezes eram as mais cruéis, como incêndios criminosos), principalmente de favelas da zona sul. A guerra foi longa e penosa, mas no final das contas ficou claro que o crescimento da população favelada (e da sua resistência às remoções forçadas e violentas) superava o ritmo de qualquer política urbana governamental anti-favelas. Como testemunhos do conflito, restaram inúmeros conjuntos habitacionais e bairros inteiros (Cidade de Deus, Vila Kennedy, etc), originados de remoções, mas que em pouco tempo reproduziam em seu interior os mesmos fenômenos e problemas que a "erradicação" pretendia eliminar.

A brutalização da polícia acentuou-se, em todos os aspectos, durante a ditadura militar, nos anos 60 e 70. Foi a partir desta época que os abusos e humilhações sobre o povo das favelas tornaram-se constantes, violentos, executados sem que a "sociedade" se desse conta. Também foi a época em que a criminalidade social urbana se expandiu, principalmente a partir de meados dos anos 70, quando as crises econômicas e a estagnação do emprego lançaram ao desespero os milhões de pessoas que nos anos anteriores haviam se acumulado nas cidades na expectativa de melhores condições de vida.

Com eleição de Eduardo Paes, caiu o último obstáculo que existia para que o Estado pusesse em prática uma política radical de "limpeza urbana" a favor dos ricos.



POESIA

Liberdade,
Ah, liberdade!
Onde está a poesia
com suas rugas,
suas pregas,
suas gretas,
Vielas
Solte-a do teu presídio.
Poesia,
Oh, Poesia!
Poesia sem propriedade privada
Poesia sem mais valia
Sem mais valia
A poesia
É mais bela
Vale cada suor
Poesia sem propriedade privada
Livre como a vida
Leve como uma pedra em passeata!

Fabiano Soares da Silva

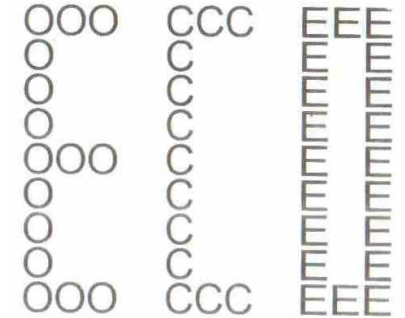
MARACANÃ

O metrô está lotado
E o ar não funciona
A próxima estação é
Maracanã
Se fosse domingo de futebol
Eu soltaria
E tomaria umas cervejas por perto
Até o clássico começar

Arnoldo Pimentel

Quando o dilúvio atingiu o sentimento
Retirei o sol da escuridão
Estendi o coração no varal

Jorge Medeiros



Moduan Matus

POEMINHA ELEITORAL

Eleição é muda.

Eleição só muda
o eleito.

Eleição germina:
é muda
de nada.

Eleição se cala:
é muda
de tudo.

Eleição se faz:
e nada
muda.

Júlio César

SEVERINOS X CARCARÁS

O nordeste brasileiro
Tem Severino demais;
Uns tem porco no chiqueiro,
Outros, inveja dos tais.

O nordeste dos políticos
É pura conveniência;
Pois seriam paralíticos
Não fosse a nossa carência.



Antonio Cabral Filho

PROSA & POESIA

O ÚLTIMO AÇOUGUEIRO HIPPIE

Quando você sentir o vento soprar
se lembrará de Che Guevara
ferido, sangrando no chão
em batalha.

Vai neste momento sentir-se só
verá o céu sem nuvens amarelo
com silhuetas e hematomas
a girar.

Não tem muito tempo atrás
um homem pregou o amor
mas por falta de água doce
o mar salgado secou.

Não existe culpa
como também não existe o perdão
lado à lado caminha o homem
Deus, a vítima e o não.

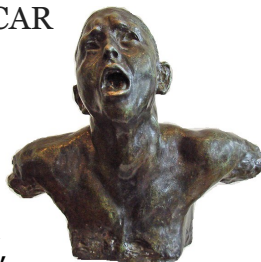
Você ainda verá
vagando no ar-ar
Stalin, Hitler e Mussolini
contando os segredo do amar.

Sergio Salles Oigers



O DEFEITO DE POLITICAR E NÃO PRATICAR

Poesia é arma;
mais uma que desata os nós;
o bom falador tem cara de Doutor;
é nós, se pá morre sem coletivizar;
vaza esgoto, rato rói pão, roupa e tu aí,
para aliviar seu calor, se acaba no suco de caixinha;
e para nós os de cá (debaixo), resta brisa...



Tati

SILÊNCIO DO ALOJAMENTO

Era uma solidão enorme
Tão grande
Que rasgava o peito
Não importava
Se no céu havia estrelas
Ou se a lua era cheia
O alojamento era só silêncio
No corpo a farda verde
Na cabeça o capacete
Nas mãos o porrete
Pronto para estourar
Qualquer sentimento
De liberdade

Arnoldo Pimentel

ECO

O grito
Da palavra
Que nua
Que crua
Passa e transpassa
O vazio da rua
Do invisível
Do eco
Do grito
Que suga a alma
Como nuvem do caos
Dentro de nós dois
A palavra
Nua
E o grito
Invisível.

Marcia Kanitz

Antes, as disputas políticas entre estado, prefeitura e governo federal dificultavam uma ação coordenada do poder público contra os pobres, mas agora o terror é total. O maior símbolo disso foi como as forças repressivas dos três níveis de governo participaram da ação contra as famílias da Gomes Freire/Mem de Sá. A secretaria de ordem pública do Paes realizou a evacuação, sob pretexto de risco para as famílias, do prédio da Gomes Freire, tentando usar inclusive caminhões de lixo como nas operações de "choque de ordem". Depois, a Polícia Federal e a PM se uniram no despejo violento na Mem de Sá, das mesmas famílias.

Com a recente fase de crescimento econômico, aumentou o interesse da indústria e do comércio imobiliário no sentido de realizar investimentos nas áreas centrais do Rio. E ainda há a perspectiva da Copa, das Olimpíadas, etc. Hoje há vários projetos de grandes prédios e estacionamentos no Centro, como não se via há muito tempo, e é claro que a população pobre que mora e trabalha nessa região é vista como um estorvo pelo capital imobiliário. Existe o intento de substituir a população pobre do Centro por uma população de classe média. Esse é o desejo de "limpeza social" promovida pelo Prefeito Eduardo Paes e a corja de capitalistas a quem ele representa nessa política de embelezamento da cidade. E são as COMUNIDADES e as OCUPAÇÕES ORGANIZADAS o maior entrave para os projetos da classe burguesa que banaliza a vida humana.

Sabemos que para nós trabalhadores, é cada vez mais difícil a luta pela manutenção da dignidade. Por isso, é hora de nos organizarmos, rompermos como o egoísmo e lutarmos por uma sociedade justa.

Mais informações: www.uni-vos.com; Favelas do Rio de Janeiro: Entre a possibilidade do Poder Popular e o Cerco da Opressão; A quem interessa esse tão propagado legado?;

O Processo de Urbanização da Cidade do Rio de Janeiro e as suas Principais Mudanças;



ATÉ SEMPRE COMANDANTE CHE GUEVARA

Aprendemos a querer-te deste a histórica altura, onde o sol de tua bravura buscou o cerco a tua morte.

Aqui tudo é claro, a estranha transparência da tua querida presença, Comandante Che Guevara.

Tua mão gloriosa e forte, desde a historia que despertamos para te ver.

Aqui se ergue a tua querida presença, vens com a primavera para plantar a bandeira da liberdade.

Teu amor revolucionário te conduziu a uma nova forma de estar na vida com teu braço libertário.

Seguimos teus passos, da tua presença neste mundo cruel e hipócrita Comandante Che Guevara.

El Che Guevara vive sempre...



¡ HASTA LA VICTORIA SIEMPRE!



PROJETO CICLOVIDA

Ciclovida é uma iniciativa coletiva de cunho sócio-ecológico e cultural com o intuito de estabelecer vivências, conversas e trocas de sementes crioulas, naturais, como também incentivar o uso de bicicleta como meio de transporte ecológico. O projeto teve início com algumas viagens pelos biomas do Brasil e além fronteiras, chegando até a Argentina. Durante todo o percurso, foi feito um levantamento sobre as sementes crioulas, realizando uma campanha de resgate das sementes que foram expropriadas ao longo da tirania capitalista. Recuperando o direito de plantar, colher e plantá-las novamente, com reprodução garantida das várias espécies de frutíferas, leguminosas, cereais, hortaliças, entre outras raridades da nossa flora sob ameaça de extinção, que ainda não tenha sofrido modificação genética artificial, que possa ter comprometido sua livre produção e reprodução. Mais que simples atividade o Ciclovida é um processo de buscas e respostas para questões que levantamos em torno da relação homem/terra. Ciclovida é uma atividade de constante envolvimento com todos os seres, demonstrando que a existência é uma totalidade, onde a distância entre o início e o fim não existe. Essa atividade consiste na movimentação pela recuperação das sementes crioulas, além de criar e reforçar sistemas de preservação descentralizada dessas sementes, onde cada indivíduo seja responsável por essa recuperação e um combatente às leis de patentes e aos transgênicos. É um movimento que busca:

1 - Restauração do ciclo da vida, quebrado pelas ações danosas do agronegócio que faz a modificação genética das sementes em laboratórios com fins de obter patentes sobre a vida e suas fontes naturais.

2- Combater as queimadas e o uso de quaisquer tipos de agrotóxicos.

3 - Difundir o sistema de agrofloresta como forma de produção sustentável em cooperação com todos os seres, numa nova relação com a terra.

4- Incentivar o uso das bicicletas como meio de transporte menos violento no trânsito e menos danoso ao meio ambiente.



4

DICA LITERÁRIA

Nesta edição, não iremos indicar nenhuma obra impressa no entanto estamos chamando a atenção para uma nova onda que está no ar via online estamos nos referindo a Rádio Cambiar que recorrendo a uma linguagem solta e descontraída traz uma programação insinuante um convite a crítica e a reflexão assim sendo se distancia das banalizações mercantis tão presente nas ondas do AM e FM. Portanto acesse participe mande as suas considerações e sugestões que sempre serão bem vindas haja vista que este espaço é uma ferramenta de diálogo entre as múltiplas lutas-leituras-visões que travamos diariamente contra os nossos opressores. Então o convite está feito é só acessar e perceber que uma outra sociedade é possível e que podemos construir juntos. Acesse: www.radiocambiar.blogspot.com.br e pelo e-mail: educ.popular@gmail.com

Roberto

SOUZALOPES, POETA DE TODO FOGO, POETA DE FOGO

Nascido em Recife, Mário Luiz de Souza Lopes (1954) – o nosso Souza Lopes- Passa a infância e adolescência em Itajuípe. Radicando-se em São Paulo desde 1982 até a sua morte no primeiro semestre de 2012. Souza Lopes publicou vários livros, entre eles “Todo Fogo” e “Hágua”. Foi militante ativo em vários movimentos de contracultura em jornais e revista nacional também participou dos grupos Pindaíba e Cacimba. Com o Grupo Cultural Cacoré, organizou um seminário de poesia contra a privatização do alfabeto; contra a globalização do capital, a boa poesia, da Grécia antiga até os nos nossos dias. Souzalopes escreveu para a Revista Brasil Revolucionário, onde publicou o **Manifesto do Partido Comunista em cordel**.



ENDURECER SEM PERDER A TERNURA

Não sei em que contexto Che disse a frase que dá título a este escrito, segundo a revista *Veja*¹ ele nunca disse essa frase. Mas, infelizmente para a nossa querida revista não importa que ele tenha dito a frase ou não, o que importa é que ela ecoa em nossos ouvidos e já faz parte de nosso imaginário enquanto ser no mundo. Escrevo tais palavras para convidar nossos leitores a pensar sobre nossa atitude enquanto seres que buscamos um novo modo de ser/ estar no mundo e de se relacionar com os outros.

ENDURECER diante do mundo que nos trata como mercadoria descartável é extremamente necessário, pois sabemos que sem o nosso ar embrutecido, sem o ódio à opressão não caminharíamos, não nos movimentaríamos contra nada, pois estaríamos convidados a aceitar e a nos conformar com o que a mãe trouxe. Outro dia estava ouvindo uns companheiros do grupo *O Levante* e eu acredito que eles expressam o *endurecer sem perder a ternura* do Che de uma maneira nova e própria na música “*Remador radical*”:

“Tenho muito ódio no meu coração,
mas ele é quem me movimenta
pra lutar contra opressão [...]
Quando o preto aqui rimou
muita gente não captou
a íntima relação entre o ódio e o amor.
Se eu odeio a injustiça
é porque eu amo a justiça.
Se eu odeio o privilégio
é porque eu amo a igualdade.
Se eu amo a solidariedade,
foda-se o individualismo.
morte ao capitalismo
e viva a humanidade.

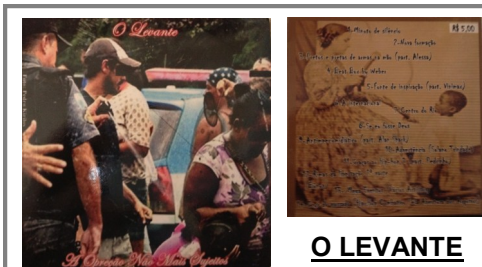
O que ouço deles liga-se ao que aprendi com Che e porque não dizer com o próprio cristianismo². O foco na luta não deve nos tirar a ternura ou o amor. Não devemos embrutecer os laços que nos unem, pois são esses laços cotidianos que nos fortalecerão para endurecer contra aquilo que lutamos.

Para que criar inimizades? Para que endurecer contra o companheiro? Fico triste quando vejo o olhar de desprezo por que um companheiro ainda não entendeu o que estava sendo discutido ou quando se fica na política da queimação. Acredito que é aqui que se deve colocar a ternura em ação. Às vezes nos esquecemos de nos colocar no lugar do outro, deixamos de lado o exercício da compreensão e queremos que as coisas aconteçam impreterivelmente a nossa maneira e a nosso modo. Não acredito que é assim que vamos construir um mundo onde caibam muitos mundos ou onde haja respeito. O que falo é do fortalecimento das relações diárias de compromisso, compreensão e luta contra o sistema que nos oprime.

Até a próxima!
Rosilene Jorge dos Ramos



¹ Para quem quiser ler a reportagem *especial* que a *Veja* fez, deixo o link: http://veja.abril.com.br/031007/p_082.shtml.
² Refiro-me ao versículo usado por muitos pastores, onde eles elucidam para seus fiéis qual é a guerra cristã: “porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes”. (Ef 6:12)



Novo álbum do Grupo LUTARMADA:

À OPRESSÃO NÃO MAIS SUJEITOS

Som pra revolução!!!

Entre em contato com o grupo:

o_levante@yahoo.com.br

5